

Promoção da saúde sexual no ambiente escolar: relato de experiência com adolescentes do ensino médio da rede pública do Maranhão

José Manoel Santos de Sousa

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Bacabal

Profª Esp. Célia Maria Santos Rezende

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Bacabal

Profª Dra. Ana Cláudia de Almeida Varão

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Bacabal

Maria Clara Lima da Silva

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Bacabal

Leonardo Cavalcante Pereira da Silva

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Bacabal

Resumo: A adolescência é uma fase de transformações que eleva a vulnerabilidade a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), exigindo estratégias educativas eficazes. No município de Bacabal-MA, a promoção da saúde sexual enfrenta barreiras devido ao silenciamento institucional e docente sobre a temática. O presente trabalho objetiva relatar a experiência de uma ação educativa voltada à promoção da saúde sexual e prevenção de ISTs em uma escola pública estadual. A metodologia fundamentou-se em uma intervenção participativa com 70 estudantes, mediada por rodas de conversa, palestras e dinâmicas lúdicas conduzidas por acadêmicos de enfermagem sob supervisão docente. Os resultados revelaram lacunas significativas no conhecimento prévio dos jovens e uma resistência inicial em discutir sexualidade devido a tabus sociais. Contudo, o uso de metodologias ativas, como o quiz interativo, favoreceu o engajamento e a fixação de conteúdos sobre Sífilis e HIV. Conclui-se que a escola constitui um espaço vital para mitigar vulnerabilidades, evidenciando a necessidade de ações contínuas que transcendam intervenções pontuais e promovam a autonomia dos adolescentes no cuidado com a própria saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Adolescente, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Saúde Escolar.

Promoting Sexual Health in the School Environment: An Experience Report with High School Students from the Public School System of Maranhão

Abstract: Adolescence is a phase of transformations that increases vulnerability to Sexually Transmitted Infections (STIs), requiring effective educational strategies. In the municipality of Bacabal-MA, the promotion of sexual health faces significant barriers due to institutional and teacher silencing on the subject. This study aims to report the experience of an educational action focused on sexual health promotion and STI prevention in a state public school. The methodology was based on a participatory intervention with 70 students, mediated by conversation circles, lectures, and playful dynamics conducted by nursing students under faculty supervision. The results revealed significant gaps in the students' prior knowledge and an initial resistance to discussing sexuality due to social taboos. However, the use of active methodologies, such as the interactive quiz, favored engagement and the consolidation of content regarding Syphilis and HIV. josemanoel9889@gmail.com, celiarezende@gianna.com.br, anaclaudiaavarao@gmail.com, mariaclara2213678@gmail.com, lcavalcante572@gmail.com

In conclusion, the school constitutes a vital space for mitigating vulnerabilities, highlighting the need for continuous actions that transcend occasional interventions and promote adolescents' autonomy in caring for their own health.

Keywords: Health Education, Adolescent, Sexually Transmitted Infections, School Health.

1. Introdução

A adolescência constitui-se como uma fase marcada por intensas transformações biopsicossociais, que aumentam a vulnerabilidade a comportamentos de risco. Nesse contexto, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) configuram-se como um importante problema de saúde pública, exigindo estratégias que vão além do cuidado clínico (Figueiredo, 2020).

No cenário do Estado maranhense, a escola destaca-se como espaço estratégico para a promoção da saúde sexual, possibilitando a construção de conhecimentos e práticas preventivas (Moraes; Brêtas; Vitale, 2018). Contudo, no município de Bacabal-MA, a promoção da saúde sexual no ambiente escolar ainda enfrenta barreiras significativas relacionadas à postura institucional e docente, que muitas vezes reproduz padrões de silenciamento sobre a temática:

Porém, a escola vem reproduzindo uma postura repressora sobre a sexualidade por meio de práticas docentes que ora omitem informações, ora transmitem concepções pautadas no senso comum, no preconceito e no binarismo de gênero, o que acaba por silenciar as dúvidas e as vivências dos estudantes (Fiorini, 2020, p. 7).

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma ação educativa voltada à promoção da saúde sexual e à prevenção de ISTs com estudantes do ensino médio da rede pública.

Para o alcance do objetivo, a metodologia baseou-se em intervenção pedagógica participativa com cerca de 70 estudantes, por meio de rodas de conversa e dinâmicas lúdicas conduzidas por acadêmicos de enfermagem sob supervisão docente. O resumo expandido está organizado em seções que contemplam introdução, metodologia, resultados e discussão, conclusão e referências, conforme normas da ABNT.

2. Metodologia

O município de Bacabal, localizado na região central do Maranhão e banhado pelo Rio Mearim, possui aproximadamente 103 mil habitantes e configura-se como importante polo regional. O projeto foi desenvolvido no Centro de Ensino Professor Juarez Gomes, escola pública de ensino médio situada na zona urbana, considerada espaço estratégico para ações de educação em saúde voltadas à prevenção de ISTs e gravidez na adolescência.

O projeto de extensão “Educação e Prevenção de ISTs no Ambiente Escolar”, vinculado ao PIBEX da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), fundamentou-se em metodologias ativas e participativas. A intervenção ocorreu em parceria com a Unidade Básica de Saúde (UBS) Santos Dumont, no âmbito do Programa Saúde na Escola (PSE),

promovendo a integração entre saúde e educação. Segundo o Ministério da Saúde, essa articulação fortalece a autonomia dos sujeitos no cuidado com a própria saúde (Brasil, 2013, p. 15).

As ações foram desenvolvidas entre setembro de 2025 e março de 2026, incluindo planejamento com a escola, pré-teste com 70 estudantes do 1º ano do ensino médio, intervenções educativas sobre ISTs, palestras sobre sífilis e HIV em alusão ao “Dezembro Vermelho” e oficina final com quiz interativo. Foram utilizadas estratégias como exposição dialogada, rodas de conversa, dinâmicas e recursos audiovisuais, sob supervisão docente, com foco na participação ativa dos estudantes.

3. Resultados

A análise dos resultados indicou lacunas no conhecimento dos adolescentes sobre saúde sexual. O pré-teste realizado em outubro mostrou deficiência nas formas de transmissão e prevenção das ISTs, confirmando a vulnerabilidade desse grupo e a importância da informação qualificada (Shorey; Chua, 2020).

Durante as intervenções educativas realizadas no mês de novembro, constatou-se um aumento significativo do interesse dos estudantes, especialmente quando abordadas as complicações clínicas das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Tal engajamento indica que estratégias fundamentadas na dimensão biológica e nas consequências concretas da ausência de práticas preventivas apresentam maior efetividade pedagógica junto a esse público, conforme evidenciado na Figura 1.

Figura 1 – Realização de atividade educativa sobre ISTs com estudantes do ensino médio.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A ação do “Dezembro Vermelho” apresentou boa receptividade, especialmente durante a distribuição de preservativos, favorecendo a participação e o esclarecimento de dúvidas. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que abordagens diretas e acessíveis sobre sexualidade contribuem para reduzir barreiras comunicacionais e estimular o diálogo entre adolescentes (Moraes; Brêtas; Vitale, 2018).

No entanto, a resistência observada em uma parcela de 20 a 30 alunos, que demonstraram constrangimento em discutir abertamente a sexualidade, evidencia a persistência de tabus sociais que ainda permeiam o ambiente escolar. Sobre essa necessidade de superar barreiras morais e repressoras, a literatura aponta para a importância de uma abordagem que promova a autonomia do sujeito.

Educar pessoas para uma sexualidade emancipatória consiste em oferecer informações que minimizem as influências negativas decorrentes de práticas que

josemanoel9889@gmail.com, celiarezende@gianna.com.br, anaclaudiaavarao@gmail.com, mariaclara2213678@gmail.com, lcavalcante572@gmail.com

visam ao controle e à repressão do corpo e do prazer, permitindo que o adolescente se torne sujeito de sua própria história e cuidador de sua saúde (Maia, 2020, p. 12).

Por fim, a utilização de metodologias participativas, como o quiz interativo, favoreceu o engajamento e a compreensão dos conteúdos, evidenciando a importância de ações educativas contínuas no ambiente escolar. Embora a participação não tenha sido unânime, os estudantes envolvidos demonstraram evolução no conhecimento, indicando que essas estratégias contribuem para reduzir vulnerabilidades e promover uma consciência crítica entre adolescentes.

4. Discussão

A resistência observada em parte dos estudantes durante as atividades, expressa por silêncio e constrangimento, não indica desinteresse, mas reflete um ambiente escolar ainda marcado por tabus. A literatura aponta que o silenciamento da sexualidade nas instituições de ensino dificulta o acesso a informações científicas, levando o adolescente a buscar respostas em fontes pouco confiáveis, o que aumenta sua vulnerabilidade às ISTs (Santos, 2025).

Essa postura de omissão, muitas vezes adotada pela escola para evitar conflitos morais ou religiosos, reforça o estigma sobre o tema. O baixo engajamento de parte dos estudantes, especialmente no quiz interativo e nas rodas de conversa, evidencia que a desinformação ainda está associada a concepções preconcebidas. A superação desse silenciamento institucionalizado é abordada de forma crítica ao se afirmar que:

A educação sexual, quando tratada de forma pouco transparente ou meramente pontual, acaba por reproduzir os mesmos tabus que pretende combater. É necessário compreender que o silêncio pedagógico não é neutro; ele comunica ao estudante que a sexualidade é algo proibido ou vergonhoso, o que gera resistência e dificulta a assimilação de práticas preventivas e o autocuidado (BORGES, 2024, p. 45).

Ademais, a experiência em Bacabal-MA demonstrou que intervenções pontuais, embora importantes, são insuficientes para promover mudanças comportamentais sustentáveis. A curiosidade dos alunos sobre sífilis e HIV, em contraste com a resistência em algumas dinâmicas, indica interesse, mas também barreiras no ambiente escolar. Assim, evidencia-se a necessidade de ações de educação em saúde mais contínuas e integradas ao cotidiano escolar, com abordagem transversal da saúde sexual.

5. Conclusões

A experiência vivenciada no Centro de Ensino Professor Juarez Gomes demonstrou que a escola, em parceria com a rede de saúde, constitui um espaço vital para a desmistificação de tabus e a promoção da saúde sexual entre adolescentes. Os resultados demonstraram que, embora existam lacunas significativas no conhecimento prévio e resistências culturais enraizadas, a utilização de metodologias participativas e lúdicas é capaz de

fomentar o diálogo e despertar o interesse dos estudantes por temas complexos como a prevenção de ISTs.

Conclui-se que intervenções pontuais são insuficientes para a consolidação de mudanças comportamentais permanentes. Há uma necessidade premente de institucionalizar ações de educação em saúde de forma contínua e transversal no currículo escolar, garantindo que o silenciamento pedagógico seja substituído por uma postura emancipatória e acolhedora. Para os acadêmicos de enfermagem, a ação reforçou a relevância da extensão universitária como ferramenta de transformação social, capacitando-os para uma prática profissional humanizada e articulada com as demandas da comunidade escolar maranhense.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Saúde na Escola (PSE). Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BORGES, M. G. Q. Educação sexual na educação infantil: quebrando paradigmas no contexto oeirense. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Piauí, Oeiras, 2024.

FIGUEIREDO, R. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). São Paulo: Instituto de Saúde, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados: Bacabal (MA). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 abr. 2026.

MAIA, A. C. B. Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos. Bauru: Gradu Aragon, 2020.

MORAES, S. D. T. A.; BRÊTAS, J. R. S.; VITALLE, M. S. S. A escola como lugar de promoção da saúde sexual e reprodutiva na adolescência. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 71, n. 4, p. 1650-1657, 2018.

PICOT, J. et al. Behavioural interventions for the prevention of sexually transmitted infections in young people aged 13–19 years: a systematic review. Health Education Research, v. 27, n. 3, p. 495–512, 2012.

SANTOS, L. V. B. et al. Educação sexual crítica como estratégia para prevenção da gravidez precoce: relato de experiência no ensino médio. Brazilian Journal of Implants and Health Sciences, v. 7, n. 1, p. 245-260, 2025.

SÁ, M. C. B.; SANTANA, J. S. Educação em saúde na escola: desafios e possibilidades na percepção de professores. Maranhão: Editora UEMA, 2022.

SHOREY, S.; CHUA, J. Y. X. STIs in adolescents: Chlamydia, gonorrhea, mycoplasma genitalium, and HPV. Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care, v. 50, n. 7, p. 100835, 2020.